

REVISTA  
*Desassossego*

REVISTA  
*Desassossego*

**100 anos da Revista Orpheu**

Bruno Anselmi Matangrano  
Joana Souto Guimarães Araújo  
Leonardo de Barros Sasaki  
(editores-responsáveis)

Caros leitores,

Em comemoração ao centenário da Revista *Orpheu*, célebre marco do Modernismo português e em contiguidade aos diversos eventos e atividades culturais em honra da efeméride, a Revista *Desassossego*, em seu décimo quarto número, abre-se com um dossiê cuidadosamente organizado pela professora **Lilian Jacoto** intitulado *100 anos da Revista Orpheu*, em parceria com os editores do periódico. Foram várias reuniões, entre São Paulo e Lisboa, até se chegar ao resultado que ora se apresenta ao público. Dadas a quantidade e qualidade dos textos, o material submetido e aprovado resultará, também, em um segundo dossiê, de nome *Modernismo*, a sair no primeiro semestre de 2016, ano do centenário da morte de Mário de Sá-Carneiro. Ou seja, o diálogo com *Orpheu* continuará.

O dossiê compõe-se de uma dezena de artigos assinados por importantes pesquisadores do Brasil e do mundo, sendo o de abertura da professora **Maria Helena Nery Garcez** – conforme explicado em pormenor na Apresentação que se segue a este editorial, redigida pela professora Lilian. Também orbitando o universo órfico, somam-se duas resenhas, dois depoimentos, uma entrevista e um texto dramático, sobre os quais comentamos abaixo. Além disso, o número se completa com três artigos de temática variada, um conto e um poema.

A seção de *Entrevistas* inicia com um breve, mas tocante depoimento da professora **Cleonice Berardinelli** concedido à professora **Gilda Santos** a respeito das publicações de *Orpheu*. A Revista *Desassossego* aproveita, assim, para homenagear Dona Cleo em seu vindouro centenário, em 2016. O segundo depoimento, do exímio crítico e professor **Eduardo Lourenço**, discorre sobre suas experiências de leitura dos poetas de *Orpheu*, principalmente Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Concedido à professora Lilian Jacoto, o relato ainda aborda o contexto de recepção do movimento, bem como de sua influência sobre as gerações seguintes. Por sua vez, a entrevista realizada pelo doutorando **Eduardo Neves da Silva** com a professora romena **Corina Nutu** trata de sua trajetória como pesquisadora da poesia pessoana e como docente de língua e literatura portuguesas na Universidade de Bucareste. Corina Nutu também traduziu para o romeno diversas obras de escritores portugueses e brasileiros e apresenta, nessa entrevista, informações sobre o intercâmbio cultural entre esses países.

A obra *A Lenda de Fernando Pessoa*, de Lucila Nogueira, é apresentada por **Cassia Alves Silva** que, em sua resenha, demonstra como a autora procurou desmistificar – de maneira polêmica – constantes leituras em torno da figura central da *Orpheu*, ao mesmo

tempo em que destaca o apuro metodológico de Nogueira. Já **Mary Nascimento da Silva Leitão** se volta para o livro *Do fragmento à unidade: a lição da gnose almadiana*, de Elizabeth Dias Martins, apresentando não somente o livro, com destaque para sua metodologia e organização, mas igualmente o percurso da pesquisadora que o redigiu.

Na seção *Ficção*, o texto dramático de **André Boniatti**, inspirado nas ficções da obra pessoana, narra o diálogo entre Fernando e Alberto, que, com seus nomes incompletos, debatem alguns dos temas pessoanos, até que um deles descreve um encontro misterioso que surge como metáfora interpretativa da obra pessoana. Distanciando-se do tema do dossiê, a prosa bem realizada de **Francisco Neto Pereira Pinto** também trata de um encontro com uma personagem em um momento dramático de sua vida, reconhecendo que os acontecimentos sempre transbordam, pela força de “um cavalo a mais que em galope”, os cálculos, os planos selados e as programações oficiais.

Na seção *Poesia*, **Luís Maffei** apresenta três poemas em que as fronteiras e os intervalos são postos em estudo: “Mind the gap”, “O elastano” e “Trem fantasma”. Na paisagem sufocante dos lugares preenchidos da cidade, disciplinados pelas malhas da velocidade, pelas imagens ou discursos publicitários, como parece ser o caso do segundo poema, o sujeito procura vida inteligente nas mínimas coisas e a escrita cresce nas valas, nos desvãos desocupados, nos intervalos entre os deveres, nos “não lugares” contemporâneos, como os locais de passagem e os espaços esvaziados em que o “tempo trama a sua página”. Criam-se, com isso, linhas de fuga ou de desidentificação com os modelos oficiais para aprofundar o momento da reflexão, dos sentidos e das leituras que se cruzam com a própria atividade de escrita.

O número se encerra com três interessantes artigos voltados a grandes nomes da prosa portuguesa: Valter Hugo Mãe, Eça de Queirós e Lobo Antunes. No primeiro artigo, **Rogério Caetano de Almeida** e **João Leão Lopo** discutem a relação entre a intenção de suicídio e a consciência de si e do outro na obra *O apocalipse dos trabalhadores*. **José Roberto de Andrade**, por sua vez, comenta as representações culinárias e gastronômicas em *O Primo Basílio*, que, segundo o autor, marcaram a cozinha portuguesa. Por fim, **Diana Navas** analisa o diálogo que António Lobo Antunes estabelece com outras artes, nomeadamente, a pintura e a música, na obra *Memórias de Elefante*.

Desejamos a todos uma boa leitura,

Bruno Anselmi Matangrano, Joana Souto Guimarães e Leonardo de Barros Sasaki,  
editores.